

UMA TRANSIÇÃO CONTURBADA: *análise do fragmento de uma carta a um sacerdote, do imperador Juliano*

JÚLIO MATZENBACHER ZAMPIETRO

Graduando em História (UNICAMP)

Bolsista de iniciação científica pela FAPESP

juliomzampietro@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Funari (UNICAMP)

O presente ensaio analisa uma carta redigida pelo imperador romano Juliano (r. 361-363 EC), datada de 362 CE e cujo destinatário era um sacerdote romano. A carta ocupa em torno de vinte páginas modernas, e não se encontra completa: tanto seu início quanto sua porção final foram perdidas ou suprimidas com o tempo. Seu tradutor teoriza que a seção final teria sido apagada por monges copistas de modo proposital, visto que neste trecho o imperador parece estar prestes a elaborar sua afirmação de que as práticas cristãs haviam levado muitos ao ateísmo no Império Romano. (Jul., *Fr. Ep.*, 305D)

A carta foi escrita em um período crítico para o Império Romano, em um século que viu imperadores se tornarem cristãos e, eventualmente, a transformação do Cristianismo em religião oficial do império. Dentre as mudanças que este processo acarretou, cabe destacar uma: a disseminação da *filantropia* de matizes cristãs como valor social, em substituição ao costume do *euergetismo cívico*.

O euergetismo cívico era realizado a partir de doações feitas por notáveis a comunidades cívicas inteiras, em geral cidades e seus cidadãos. Estas doações poderiam tomar a forma de espetáculos gladiatoriais, distribuição de alimentos, e construção de monumentos públicos. (VEYNE, 1990, p. 5-11) Um exemplo tardio deste costume, que demonstra sua prevalência ainda no século IV, é encontrado em Símaco (345-402 EC), nobre romano que iniciou seu filho na vida política ao realizar espetáculos na última década do século IV e primeira do século V. Nestes espetáculos, Símaco gastou algo em torno de 1,3 vezes sua renda anual para uma semana de jogos de gladiadores. (BROWN, 2012, p. 93-100, 114-116) Isso indica não só a continuidade da importância deste tipo de ação no período como também uma esperança de que a política permaneceria sendo realizada do modo como havia sido nos séculos anteriores.

Por outro lado, no mesmo século já é possível observar modificações importantes nesse costume, acompanhadas pelo crescimento da importância do bispo cristão

como figura pública. É nesse período que o evergetismo muda de ênfase: ao invés de ter como destinatário comunidades de cidadãos, as doações de notáveis romanos e mesmo de imperadores incluíam agora uma preocupação com os pobres (BROWN, 2002, p. 1-3; FERNGREN, 2009, p. 122). Isto porque a ideia de *imago dei*, de que o ser humano havia sido criado à imagem de Deus, teve em sua disseminação consequências importantes, entre elas o argumento de que assim como Deus ama os humanos, os próprios humanos devem amar a seus irmãos, em especial os pobres (FERNGREN, 2009, p. 98-103).

Esta transição é um ponto central do reinado de Juliano, que não apenas foi o último imperador pagão, como renegou seu cristianismo anterior quando de sua ascensão ao poder, tornando-se pagão (Soz., *H. E.*, 5.1-2). Havia aqueles que acreditavam que Juliano planejava reverter o avanço do Cristianismo no Império Romano, em particular através da apropriação de elementos cristãos ao paganismo, (Soz., *H. E.*, 5.16) inserindo-se em um contexto de crescente tensão entre as duas religiões. (SALZMAN, 2007, p. 110) A carta a ser analisada possui três pontos que demonstram esta transição, e que nos permitem, respectivamente: deduzir um clima de tensões sociais que levou seu autor a escrever o que escreveu; compreender a resposta de Juliano a estas tensões, na forma de uma nova doutrina para o paganismo; e tornar claras as propostas do imperador para uma reestruturação organizacional do paganismo.

O primeiro ponto feito por Juliano no fragmento é a alegação de que demônios maus têm levado homens que não veneram os deuses a desejar uma morte violenta em busca do paraíso. Estes 'ateus', nas palavras do imperador, são influenciados por esses maus demônios a se colocar contra a natureza social do ser humano, se isolando em locais desertos e fugindo de cidades. (FERNGREN, 2009, p. 297) Levando-se em conta estas duas informações é possível chegar à conclusão de que este ateísmo a que se refere Juliano é na verdade a religião cristã, que neste período já possuía mártires e que encontrava parte de seus adeptos vivendo de modo deliberado em locais distantes dos grandes centros. *A Vida de Santo Antônio* foi escrita por Santo Atanásio neste mesmo período, e retrata este ascetismo no deserto (Ath., *V. Ant.*).

Em resposta a esta disseminação do 'ateísmo', afirma-se que o exercício da filantropia pelo sacerdote levará à boa vontade dos deuses. Assim como escravos que possuem amizades e ambições mais próximas aos de seus mestres são bem tratados, Deus, que naturalmente ama os seres humanos, terá mais bondade para com aqueles que amam seus irmãos. (Jul., *Fr. Ep.*, 289A-B) É notável, portanto, que Juliano não excluía o Deus cristão de seu panteão, usando-o mesmo para fortalecer seus argumentos¹.

Em um segundo ponto, que se desenvolve sobre o primeiro, o imperador afirma que a pobreza dos muitos não pode ser atribuída aos deuses, mas sim à ganância

1 Há três possíveis explicações para o uso da palavra 'Deus' neste trecho, ao invés de 'deuses': 1) um erro de tradução; 2) Juliano se refere ao Deus cristão; 3) Juliano se refere ao deus Sol, que ele via como o deus supremo, acima dos demais deuses, como apontado por Salzman (2007, p. 114). Dado o que é dito por Juliano deste Deus, em um argumento semelhante ao descrito acima em relação ao *imago dei*, pensamos que a segunda possibilidade é a mais plausível dentre as três.

dos homens. Em resposta a esta característica humana, Juliano defende que deve-se doar seus bens, em particular para os pobres. Ainda coloca que ninguém jamais se tornou pobre por doar ao próximo, e que a doação seria sempre retribuída pela vontade divina (Jul., *Fr. Ep.*, 290A-C). É notável que nesta linha de raciocínio o imperador une a filantropia cristã, direcionada aos pobres, com as doações realizadas ao longo do período clássico, que tinham como beneficiárias pessoas que poderiam retribuir o favor em algum momento (FERNGREN, 2009, p. 87-88). Este amálgama reforça a ideia de que Juliano se encontrava na fronteira entre dois mundos, unindo aspectos de ambos em uma tentativa de retomar valores mais antigos.

Outro sinal de amálgama, ainda com relação à doutrina pregada por Juliano, é a ênfase dada pelo imperador à vida após a morte. Afirma ele que os deuses possuem grandes planos para os homens, e que uma vida após a morte é vivida pela alma depois de seu desprendimento do corpo. Os deuses garantirão que esta será uma vida em que todos os conflitos estarão reconciliados. (Jul., *Fr. Ep.*, 298D-299A) Dois pontos chamam a atenção nestas afirmações: o primeiro é o contraste com o início do documento, em que Juliano enfatiza que aqueles que buscam esta vida paradisíaca após a morte estão influenciados por maus demônios; o segundo é o fato de que a ideia de uma boa vida após a morte é considerada como um dos fatores mais importantes para a disseminação do Cristianismo ao longo da Antiguidade Tardia. (DODDS, 1965, p. 135-136) É provável que Juliano tenha percebido o poder atrativo que esta ideia possui, e tentou utilizá-la como ferramenta de disseminação do paganismo.

O terceiro ponto a ser abordado, que complementa o esforço de mudança do paganismo, Juliano mostra em sua carta tentativas de reformar os costumes e organização pagãos, uma tendência observada também em outros documentos (SALZMAN, 2007, p. 119). Na carta analisada, é notável a crítica a pagãos que não seguem os próprios preceitos, como aqueles que cultuam Zeus, o deus dos estrangeiros, e ao mesmo tempo não oferecem ajuda a estrangeiros reais (Jul., *Fr. Ep.*, 291B-C)². Juliano também enfatiza, na carta analisada, que a conduta humana deve ser baseada nas virtudes morais. Essas incluem ações como benevolência para com os homens e uma reverência para com os deuses que faria o fiel cair em suas graças (Jul., *Fr. Ep.*, p. 292D-293D).

Já com relação à organização pagã propriamente dita, Juliano é mais claro: os sacerdotes que se dedicassem à oração e aos sacrifícios deveriam receber mais honra que os magistrados, enquanto que aqueles que falhassem em suas tarefas deveriam ser desonrados. (Jul., *Fr. Ep.*, p. 296B-297D) Isto é corroborado por Sozomeno, que afirma que Juliano retornou os sacerdotes ao seu status social anterior. (Soz., *H. E.*, 5.3) Além disso, sacerdotes deveriam ler apenas os filósofos que baseiam

2 É possível argumentar que a carta contida na História Eclesiástica de Sozomeno (5.16) que Juliano teria enviado ao alto sacerdote da Galácia, contém a mesma crítica. Por outro lado, Nuffelen (2002, p. 136-144) argumenta de modo plausível que esta carta é falsa, um resultado de uma adaptação do Fragmento aqui analisado com a cultura cristã da primeira metade do século V, escrita por Sozomeno com objetivo de criticar Juliano. Por conta desta crítica uma menção à carta contida em Sozomeno não cabe no corpo do texto.

seus escritos nos deuses, como Platão e Aristóteles, pois estes escritos ensinam não apenas que os deuses existem como também que eles não fazem mal nem à humanidade e nem uns aos outros. (Jul., *Fr. Ep.*, p. 300D-301B) Esta visão é contrastante, em particular, com o Deus representado no Antigo Testamento e suas ações diretas no mundo, que via de regra incluíam a punição de algum fiel. É provável que esta seja a razão pela qual Juliano proíbe, neste mesmo trecho, a leitura não só de poetas, mas também de escritos de judeus, que se desviam dos princípios que ele toma como fundamentais. (Jul., *Fr. Ep.*, 300D-301B)

Por fim, o imperador afirma que a rotina dos sacerdotes deveria incluir sacrifícios e purificações diários. O sacerdote deveria usar suas melhores roupas apenas dentro do templo, e roupas mais simples em seu exterior, para que as melhores roupas não se tornassem impuras pelo contato com o mundo exterior. (Jul., *Fr. Ep.*, 302A-304D) Juliano também explica como deveriam ser escolhidos os sacerdotes: primeiro dentre aqueles que se mostraram mais devotos aos deuses, e segundo entre aqueles que se mostraram mais benevolentes para com os homens. Este segundo ponto é importante, pois o imperador acreditava que a negligência dos sacerdotes abriu espaço para que os 'galileus', palavra usada em tom pejorativo por Juliano para se referir aos cristãos, (Soz., *H. E.*, 5.4) praticassem a filantropia e deste modo obtivessem mais seguidores. Retomando o início do fragmento, o imperador afirma que estes galileus estariam levando muitos para o ateísmo. (Jul., *Fr. Ep.*, 305D)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como esperamos ter demonstrado acima, a carta de Juliano surge em um contexto de mudanças sociais drásticas, e as proposições nela contidas foram a forma pela qual o último imperador pagão tentou reverter este cenário. Em nossa análise, houve um esforço consciente de encontrar características do imperador através de sua carta, e não por meio de escritos sobre sua pessoa. Isto porque os escritos de Sozomeno e Gregório de Nazianzo, por exemplo, são enviesados contra o imperador pagão,³ enquanto os escritos de Libânio possuem o viés contrário⁴. Acreditamos que a ênfase nos documentos do próprio Juliano é importante para nos aproximarmos mais desta figura, apesar de não argumentarmos por um abandono das demais evidências, que, se tratadas de forma adequada, nos fornecem informações relevan-

3 Ambos insistem, em tom de crítica, que apesar de ter se convertido ao paganismo, o imperador ainda contava com as proteções que o sinal da cruz lhe conferia em momentos de medo, demonstrando mais confiança no credo que perseguia do que em sua nova religião. (Greg. Naz., *Or. IV*, 55-56; Sozomeno, *Ecclesiastical History*, 5.2) Além disso, Sozomeno enfatiza que Juliano era rápido em utilizar de violência física para conseguir o que queria. (Sozomeno, *Ecclesiastical History*, 5.15-17)

4 Libânio afirma, em contraste com Sozomeno, que Juliano sabia que a persuasão é a principal ferramenta de conversão, e que a violência não geraria uma verdadeira conversão. (Lib., *Or. XVIII*, p. 159) Além disso, é notável que Libânio deixe de lado a maior parte das questões religiosas pertinentes ao reinado de Juliano. O autor sabia que esta era uma questão importante, visto que desconfiava que Juliano havia morrido pelas mãos de alguém motivado pela preferência dada pelo imperador a templos pagãos, (Lib., *Or. XVIII*, p. 208) mas acaba por contorná-la em grande parte de sua oração.

tes quanto ao período e à vida desta figura tão debatida pela historiografia.

LISTA DE ABREVIATURAS

Ath. *V. Ant.* – *Vita S. Antoni* (Athanasius)
 Greg. Naz. *Or. IV* – *Oratio IV* (Gregorius Nazianzenus)
 Jul. *Fr. Ep.* – *Fragmentum Epistolae* (Iulianus)
 Lib. *Or. XVIII* – *Oratio XVIII* (Libanius)
 Soz. *H. E.* – *Historia Ecclesiastica* (Sozomenus)

FONTES

ATANÁSIO. Life of Antony. In: *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Volume IV. Trans. by Archibald Robertson. Edinburgh: T&T Clark, 1891, p. 194-221.

GREGÓRIO DE NAZIANZO. Oration 4: First Invective Against Julian. In: *Julian the Emperor*. Trans. by C. W. King. Londres: George Bell & Co., 1888, p. 1-85.

JULIANO. Fragment of a letter to a priest. In: *The Works of the Emperor Julian*. Vol. II. (ed. T. E. Page and W. H. D. Rouse) With an English translation by Wilmer Cave Wright. New York: The Macmillan Co., 1913, p. 297-340. (The Loeb Classical Library)

LIBÂNIO. Funeral Oration of Julian the Apostate. In: *Julian the Emperor*. Trans. by C. W. King. Londres: George Bell & Co., 1888, p. 122-218.

SOZOMENO. Ecclesiastical History. In: *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Volume II. Trans. by Chester Hartranft. Edinburgh: T&T Clark, 1888, p. 179-427.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Peter. *Poverty and Leadership in the Later Roman Empire*. Hanover and London: Brandeis University Press, 2002.

_____. *Through the Eye of a Needle*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

DODDS, Eric R. *Pagan and Christian in an Age of Anxiety*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.

FERNGREN, Gary. *Medicine & Health Care in Early Christianity*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2009.

NUFFELEN, Peter van. Deus fausses lettres de Julien l'Apostat (La lettre aux juifs, Ep. 51 [Wright], et la lettre à Arsacius, Ep. 84 [Bidez]). *Vigiliae Christianae*, vol. 56, no. 2, p. 131-150.

SALZMAN, Michele Renee. Religious Koine and Religious Dissent in the Fourth Century. In: RUPKE, Jorg. (ed.) *A Companion to Roman Religion*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 109-125.

VEYNE, Paul. *Bread and Circuses. Historical Sociology and Political Pluralism*. Abridged with an introduction by Oswyn Murray. Trans. by Brian Pearce. London: Penguin Books Ltd., 1990 [1976].